

ISBN: 978-972-8509-48-4

Atas do Ciclo de Conferências sobre “Convento de Nossa Senhora dos Remédios e a Ordem do Carmo em Portugal e no Brasil” associado à Exposição

“Convento de Nossa Senhora dos Remédios”

(Convento dos Remédios. Évora, 22, 23 e 24 Maio 2013)

www2.cm-evora.pt/conventoremedios

Relíquias e Relicários do Museu de São Roque - Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Doutor António Manuel Meira Marques Henriques
Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
antonio.meira@scml.pt



"Relíquias e Relicários do Museu de São Roque/Santa Casa da Misericórdia de Lisboa"

O costume de conservar e venerar os restos corporais (do latim, *reliquiae*) dos santos é característico do Cristianismo, motivado sobretudo pelo culto dos mártires.

A sua origem remonta aos primeiros três séculos do cristianismo, com início nas Catacumbas de Roma, a partir do séc. II, onde se concentrava um grande número de sepulturas cristãs, desde os primeiros Apóstolos e Papas, que tinham sido vítimas das perseguições romanas. A partir do séc. IV, o culto público prestado aos mártires vai estender-se também a outros santos.

Inicialmente, o lugar de veneração de um mártir era a própria sepultura. Porém, com o alargamento do cristianismo a outras regiões e a construção de igrejas, passaram a ser disseminadas parcelas das suas ossadas (*Relíquias reais*) ou, na falta destas, objectos relacionados, como: peças de vestuário, instrumentos do martírio ou objectos santificados pelo contacto com o mártir - (*Relíquias representativas*).

Como relíquias passaram a venerar-se também os instrumentos da Paixão de Cristo, nomeadamente a coroa de espinhos e o santo lenho da cruz.

No decurso da Idade Média, este culto foi ganhando uma expressiva dimensão: Por sua vez, os Cruzados trazem para o Ocidente um sem número de relíquias dos santos orientais. Surge, então, um autêntico tráfico de relíquias através da Europa e Ásia Menor, degenerando num culto mais ou menos supersticioso e na proliferação de "*falsas relíquias*". Paralelamente, assiste-se a um interesse material inusitado, por parte das classes altas da sociedade medieval: reis e plebeus, religiosos e leigos consideravam as relíquias e relicários como jóias de estimação com que brindavam os príncipes e prelados.

Todos estes exageros e abusos levaram a uma forte reacção por parte dos Reformadores Protestantes - Lutero e Calvino, no século XVI, que reagiram implacavelmente contra esta prática religiosa da Igreja Católica, banindo-a das suas igrejas.

Um novo incremento é dado com a Contra-Reforma Católica, estimulado pelo Concílio de Trento (1545-1563). Se no mundo medieval a relíquia se rodeava de um poder mágico, após Trento a forma de encarar as relíquias seria corrigida e novamente fomentada (Sessão XXV, de 3 Dezembro de 1563). A contemplação dos vestígios corporais dos santos seria, a partir de então, um veículo privilegiado para os fiéis alcançarem a Salvação¹. Ao mesmo tempo, a Igreja estabeleceu comissários e visitantes encarregados de verificar a sua autenticidade.

Deve-se à Companhia de Jesus o grande incremento do culto das relíquias em Portugal, a seguir ao Concílio de Trento. Com efeito, no âmbito da espiritualidade dos jesuítas, os vestígios dos santos e santas serviam como modelos palpáveis de vivência cristã e, por conseguinte, como mediadores perante Deus. O próprio Santo Inácio de Loyola, nos *Exercícios Espirituais*, estabeleceu regras através das quais perante as relíquias se devia orar com a mesma devoção como se estivéssemos perante a imagem de um santo.

As primeiras relíquias da igreja de São Roque terão sido doadas pela Rainha D. Catarina de Áustria, viúva de D. João III, em cumprimento da sua vontade testamentária, em 1578. São-lhe atribuídos um relicário em prata dourada que protegia a cabeça de São Estheres, bem como relíquias de Santa Helena, de Constantinopla, de Santa Isabel, rainha da Hungria e do Apóstolo São Matias [Um documento intitulado *Relíquias que estavam nesta casa de S. Roque antes que viessem as de Dom João de Borja*, enumera 14 relicários, doados por D. Catarina]. Estes relicários entretanto desapareceram.

A segunda leva de relíquias oferecidas ao santuário de São Roque deve-se a D. João de Borja, (1533-1606) nobre valenciano, filho de D. Francisco de Borja, quarto Duque de Gandia, e de D. Leonor de Castro, nobre portuguesa. Por influência do pai que, após enviuar, entrou na Companhia de Jesus, D. João seguiu de perto a construção da Igreja

¹ "O Sagrado Concilio Tridentino diz, que nos poem a Igreja Catholica diante dos olhos as Reliquias dos Santos, pera que pondoos na virtude dos que as deixarão, os imitemos, emendando a vida, e reformando os costumes" – Frei Gaspar dos Reis, na sua *Relação do solemne recebimento das Santas Reliquias que foram levadas da See de Coimbra ao Real Mosteiro de Santa Cruz*, Coimbra, 1590.

jesuíta de São Roque. Mais tarde, como embaixador de Filipe II de Espanha junto da corte de Rudolfo II da Saxónia, em Praga, conseguiu reunir uma vasta colecção de relicários, provenientes de igrejas antigas da Boémia, Hungria, Colónia, Veneza e Roma, que levou consigo para o Escorial, onde lavrou escritura de doação à Igreja de São Roque, a 25 de Setembro de 1587. Nesse mesmo ano, estes relicários foram transportados para Lisboa e levados para São Roque, em solene cortejo religioso.

O legado de D. João de Borja distinguiria, para sempre, o santuário de São Roque. Nunca outro legado terá tão importante significado para esta igreja e para a própria História da Companhia de Jesus, em Portugal.

Um século depois, São Roque receberá um importante conjunto de relíquias do Cemitério de São Calisto, das catacumbas de Roma. Com efeito, o Padre Geral Cláudio Aquaviva, após uma *Congregação Geral* da Companhia de Jesus em Roma, terá permitido aos vários delegados trazer para as suas Províncias algumas relíquias das Catacumbas de São Calisto, todas autenticadas². Assim, em Outubro de 1594 entrariam na Igreja de S. Roque, entre outras, as relíquias do Papa João I e do Papa Estevão I.

As últimas relíquias que deram entrada em São Roque foram-no já no século XVIII, integradas no Tesouro da Capela de São João Baptista, oferta de D. João V, nomeadamente os quatro imponentes relicários de São Valentim, São Próspero, São Félix e Santo Urbano, em prata dourada, trabalho do Ourives italiano, Carlo Guarnieri. [Porém estes últimos, pela sua ligação artística à Capela de São João Baptista, não se consideram integrados no santuário de São Roque, permanecendo como um conjunto singular].

Em resumo, pode concluir-se afirmando que "*S. Roque e as suas relíquias e os relicários que as protegem há séculos, são um conjunto ímpar dentro da História da Arte Portuguesa e, em particular, da História da Igreja da Contra-Reforma católica*".

² Os Breves e as Autênticas destas relíquias, todos datados de 1662, 1672 e 1673, encontram-se no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

O conjunto de relicários quinhentistas apresenta formas muito diversificadas, em conformidade com as relíquias neles contidas (braços, bustos masculinos e femininos, urnas, ostensórios, arcas, relicários *ad tabula* e arquitectónicos, etc.). Por outro lado, o valor atribuído a cada relíquia fomentou a elaboração de faustosas montagens para as proteger, nos mais diversos materiais: ouro, prata, pedras preciosas e madeiras exóticas.

AS ONZE MIL VIRGENS NA IGREJA DE SÃO ROQUE

1. A narração acerca das célebres mártires de Colónia remonta ao século IV, a uma data muito imprecisa, e dizia respeito a um número entre duas e onze virgens, conforme as fontes. Uma inscrição encontrada na Igreja de Santa Úrsula, em Colónia, datada dos séculos IV-V, relata que o imperador romano Clemácio restaurou uma igreja dedicada a umas santas virgens - mártires. Na segunda metade do século VIII constava que eram mártires e que eram onze. No século IX surge, pela primeira vez, o nome de Santa Úrsula, que encabeçava uma lista de 11 virgens e mártires de Colónia.

Contudo, a cifra *onze mil* foi mencionada, pela primeira vez, no final do século IX. Várias hipóteses são apontadas sobre a causa desta alteração: a principal explicação deriva de erros de leitura ou interpretação, a saber: "Úrsula e as onze mil companheiras" corresponderia essencialmente a dois nomes Úrsula e Undecimillia (ou Ursula e Ximillia). Outra leitura teria a ver com a abreviação de XI.M.V. (*undecim martyres virgines* = onze virgens mártires), que fora mal interpretado como sendo *undecim millia virginum*, isto é, onze mil virgens. A explicação mais plausível, contudo, seria um erro de um copista que provavelmente transformou o XI em "X-I" (maneira medieval de designar onze mil). Haveria, portanto, um número determinado de virgens mártires, que algum monge copista erradamente transcreveu para onze mil:

3. A história já era encarada com suspeição nos finais da Idade Média, tendo sido gradualmente rejeitada desde o tempo do cardeal e historiador eclesiástico Caesar Baronius (1538-1607).

Úrsula foi canonizada como mártir e o dia da sua festa litúrgica ficou no calendário do *Martirologio Romano* a 21 de Outubro. Entretanto, a Igreja Católica, reconhecendo o carácter lendário desta santa, retirou-a do calendário em 1969, na sequência da reforma litúrgica do concílio Vaticano II (1963-1965), embora se tenha mantido na lista oficial do *Martirologio Romano*.

4. A Lenda das Onze Mil Virgens inspirou numerosas obras de arte, algumas de elevado nível artístico, sendo as mais famosas as pinturas dos primitivos de Colónia, nomeadamente o "Enterro de Santa Úrsula e suas Companheiras", atribuídas ao Mestre de Santa Úrsula, hoje no Museu Wallraf-Richartz, em Colónia; as de Memling, em Bruges, e as de Carpaccio em Veneza; em Lisboa, pelo painel "Martírio das onze mil virgens" e pelo "Retábulo do Martírio de Santa Auta", ambos no Museu Nacional de Arte Antiga³.

5. Em Portugal, as primeiras relíquias do Martírio das Onze Mil Virgens foram oferecidas, em 1517, à rainha Dona Leonor, por Maximiliano I de Habsburgo (1459 - 1519) que foi Sacro Imperador Romano, tendo oferecido relíquias de Santa Auta, companheira de Santa Úrsula (as duas mais famosas do grupo), que ficaram depositadas no Convento da Madre de Deus, num cofre em madrepérola. A vinda destas relíquias de Colónia para Portugal, no final do século XV, teve um enorme impacto devocional.

Mais tarde, D. Pedro de Mascarenhas (1484-1555), após uma passagem breve por Colónia como Embaixador de Portugal junto do Imperador Carlos V, trouxe consigo a cabeça de Santa Responsa (uma das onze mil virgens) e outras, para as quais se construiu a capela do mesmo nome adossada à igreja do Convento de Santo António, em Alcácer do Sal.

³ Cf. "Vida e Martírio de Santa Auta", atribuído à parceria de Cristóvão de Figueiredo e Garcia Fernandes. Pintura a óleo sobre madeira, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga. Cfr *Primitivos Portugueses – 1450-1550, O Século de Nuno Gonçalves*, MNAA e ATHENA, Lisboa, 2010, p. 214.

Porém, foi a Companhia de Jesus quem mais propagou o culto a estas relíquias, após a sua chegada a Portugal em 1540, espalhando-a pelos seus colégios e igrejas: Coimbra, Évora, Lisboa, Braga, etc. Efectivamente, o culto de Santa Úrsula e suas companheiras viria a ganhar um cariz genuinamente jesuítico. O Padre Pierre Fabvre, um dos primeiros companheiros de Santo Inácio de Loyola, foi o seu promotor mais entusiasta.

A exportação de relíquias da Companhia de Santa Úrsula de Colónia, que tinha sido banida pelo Papa Bonifácio IX, foi reavivada em 1540, graças à influência dos jesuítas, muito em especial do Padre Pierre Fabvre, primeiro Reitor do Colégio jesuíta de Colónia, a quem tinham sido garantidas licenças especiais neste domínio. Nos finais do século XVI, e sobretudo no século XVII, passavam pelas casas da Companhia de Jesus em Portugal numerosas relíquias ursulinas que eram trazidas de Colónia com destino às missões jesuítas no Brasil e Oriente.

6. A Igreja de São Roque, em Lisboa, recebeu relíquias das Virgens de Colónia, em duas fases distintas:

- As primeiras que chegaram a São Roque consta que foram trazidas pelo Padre Inácio Martins S.J., membro da Casa Professa que, após a sua participação numa Congregação Geral da Companhia de Jesus, em Roma, para eleger o Superior Geral, Pe. Everardo Mercuriano, como sucessor de S. Francisco de Borja, no seu regresso a Portugal passou pelo Colégio de Colónia, na Alemanha, em 1573, tendo-lhe sido oferecidas relíquias da companhia de Santa Úrsula, acompanhadas de um certificado de autenticação, assinado pelo Pe. Leonardo Kessel.

- Posteriormente, deu-se a grande doação de D. João de Borja, que iria distinguir para sempre o santuário de São Roque e que incluía vários crâneos das Virgens Ursulinas a ele doados entre 1578 e 1587, durante a sua estadia na corte imperial de Rudolfo II, em Praga.

Por último, a própria Imperatriz Maria, mãe de Rudolfo II, doou a D. João de Borja, seu mordomo-mor, um relicário de madeira guarnecido de veludo vermelho escuro com numerosas relíquias das Onze mil Virgens e também uma relíquia de Santa Bárbara, virgem e mártir, que ela recebera como oferta da República de Veneza.

O *Inventario dos Relicarios e Reliquias q. deu Dom João de Borja a esta Casa...*, datado de Janeiro de 1603 (manuscrito), menciona nos *quatro meios corpos de cobre dourado - quatro cabeças das Onze Mil Virgens; nos quatro caixões de veludo, sete cabeças das onze mil virgens* (fl. 51) e, mais adiante, *"dous relicarios de madeira, h'ú delles de veludo rouxo cõ reliquias das onze mil virgens* (fl. 51v.)⁴.

Por último, a obra histórica do século XIX, intitulada *Memoria do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da Igreja de S. Roque*, editada em 1843, na sequência da surpreendente descoberta dos relicários em 1842, apresenta uma listagem completa das relíquias encontradas nos dois altares colaterais da Capela-mor: assim, no chamado Altar das Virgens, situado à direita da capela-mor (lado da epístola), encontravam-se catorze crâneos das Onze Mil Virgens, estando quatro deles inseridos em bustos de cobre dourado. Para além destas existem outras espalhadas por relicários em formatos diferentes, nomeadamente: dois Trípticos das Onze Mil Virgens (Inv. RL 1039 e RL 1040), ambos do mesmo tamanho, bem como três Relicários *Ad TABULA*, situados no mesmo altar⁵.

7. A importância destas famosas relíquias trouxe à Igreja de São Roque uma existência nova. Assim, graças à presença deste espólio sagrado, o Papa Xisto V concedeu um Jubileu, quatro vezes ao ano, na Igreja de São Roque, no dia comemorativo das quatro principais relíquias que distinguiram este santuário, a saber: no dia de *S. Gregório Taumaturgo* (19 de Novembro), no dia de *Santa Brígida da Irlanda* (1 de Fevereiro), no das *Onze Mil Virgens* (21 de Outubro) e no da *Invenção da Santa Cruz* (3 de Maio).

Por ocasião das comemorações do IV Centenário da Misericórdia de Lisboa, em 1898, todas estas relíquias ficaram expostas nos dois altares colaterais da capela-mor, a partir de então protegidas por meio de grandes vitrinas, permanecendo deste modo acessível à contemplação pública esta histórica colecção.

⁴ INVENTARIO dos Reliquarios & Relíquias q. deu Dom loam de Borja a esta casa, e dos Relicarios q. antes tinha e depouys fez esta casa cõ outras relíquias q. por via da Comp^a. se fizera. Feito e Janeyro de 1603. Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (AHSCML), fl. 48-ss.

OS MÁRTIRES DA LEGIÃO DE TEBAS

1. Na Igreja de São Roque, outro conjunto de relíquias com seus respectivos relicários merece igual atenção, nomeadamente as dos Mártires da Legião de Tebas (ou Legião Tebana), cuja história é fascinante.

Antes, porém, um breve apontamento acerca da origem da Legião Tebana, seguindo a historiografia tradicional.

De acordo com a hagiografia de São Maurício, o principal entre os santos da Legião, e segundo a narrativa medieval relatada na *Legenda Áurea*⁶, seria uma legião romana composta por cerca de três a seis mil homens que se teriam convertido em massa ao cristianismo, tendo sido martirizados por volta de 285 AD ou 292 AD (ou em 302 AD, segundo outras versões). A Legião estaria inicialmente sediada na região de Tebas, no alto Egito. O imperador Diocleciano, que governou Roma entre 284 e 305 AD., dera ordens através de Marco Aurélio Maximiano para que os soldados desta legião partissem para a Gália, a fim de combaterem os rebeldes da Borgonha. A Legião Tebana pôs-se então a caminho sendo comandada na sua marcha por Maurício⁷, Cândido e Exupério, todos estes venerados como santos. Porém, ao chegarem à cidade suíça de Saint-Maurice-en-Valais (que na época romana se apelidava *Agaunum*), receberam ordens do Imperador para oferecer sacrifícios aos deuses romanos em agradecimento pelo sucesso da campanha. Porém, os soldados cristãos teriam recusado oferecer tais sacrifícios, pelo

⁵ *Memoria do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da Igreja de S. Roque*, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1843, pp. 28-32.

⁶ "Legenda Áurea" ou *Lenda Dourada*, na expressão popular, obra escrita por Jacques de Voragine, em 1260. Publicada há quase 750, anos permanece um livro de surpreendente actualidade. O frade dominicano Jacques de Voragine.

⁷ São Maurício distinguiu-se como capitão da Legião Tebana, uma unidade do exército romano que fora recrutada no Alto Egito, na região de Tebas, e que seria composta inteiramente por cristãos. Foi o primeiro santo negro do Cristianismo. O nome Maurício quer dizer "mouro negro" em grego. Um dos seus atributos é um ceptro de comandante na mão direita.

que foram dizimados, ou seja, um morto em cada dez homens. O processo foi repetido até que ninguém terá sobrevivido. No entanto, segundo outra tradição, alguns companheiros de São Maurício teriam escapado à matança de *Agaunum*, nomeadamente o mártir São Urso, que, segundo a tradição foi decapitado em Soleure (Suíça), tendo ficado como patrono desta cidade; também São Gereão teria escapado para Colónia (Alemanha) e aí ficara sepultado; por sua vez, São Victor teria alcançado a cidade alemã de Xanten onde também ficou sepultado.



O culto e a devoção a estes mártires romanos intensificou-se, a partir do momento em que os seus corpos supostamente foram descobertos e identificados por S. Teodoro, bispo de Octodrum, enquanto exercia o seu cargo em 350 AD. Na sequência, foi erigida

uma basílica em sua honra em **Agaunum**, onde os mártires passaram então a ser venerados. Esta basílica tornou-se rapidamente o centro de um mosteiro construído por volta do ano 515, em terras cedidas pelo rei Segismundo, da Borgonha⁸, que se transformou no principal santuário de culto destes mártires.

2. Com o estabelecimento da Companhia de Jesus na Suíça, a partir de 1577, o jesuíta **Pe. Pedro Canísio** (1521–1597) torna-se um dos mais activos empreendedores da contra-reforma católica neste país. A partir de Friburgo, onde estava sediado, edita catecismos, livros de orações e biografias de santos, inclusivamente um tratado volumoso sobre os Mártires de Tebas - São Maurício e seus companheiros - aos quais ainda acrescentou S. Urso, por ser muito venerado em Seleure. Deste modo, despertou nos católicos suíços o reconhecimento e a devoção aos mártires do passado medieval. Atitude semelhante tivera outro confrade seu, o Pe. Pierre Fabvre, quando ao passar por Colónia (Alemanha), na década de 1540, se tornou de imediato num fervoroso devoto das relíquias das Onze Mil Virgens, mártires de Colónia.

3. Culto e iconografia. O centro de culto mais importante aos mártires da Legião de Tebas era, como dissemos, a Abadia de Agaune (antiga Agaunum), na região suíça de Valais, que adoptou por isso o nome de Saint Maurice (St. Moritz). Desde a Suíça a devoção a S. Maurício irradiou seguidamente para França, Alemanha e Itália. Em França, era venerado sobretudo na região do Ródano. No Vale do Loire, a catedral de *Angers* foi dedicada à sua invocação. A catedral de *Tours* tinha também a sua invocação antes de ser dedicada a São Graciano.

Na Alemanha, era venerado em Magdeburgo e, sobretudo, em Halle, Saxónia. Esta cidade tinha aliás o título de *Moritzburg* e o tesouro mais precioso da colegiada era uma estátua e um precioso relicário em prata. Em Colónia havia também uma igreja dedicada ao seu nome.

⁸ RÉAU, Louis, *op. cit.*, p 382.

Na Itália, tornou-se o patrono do *Piemonte*, território mais próximo da região suíça de Valais e também da Casa de Sabóia que, em Maio de 1430, criou a *Ordem Militar de São Maurício*. O culto a este santo estendeu-se por todo o norte de Itália, até às cidades de Milão e Mântua, cada uma das quais dedicou uma igreja ao seu nome⁹.

Na sua qualidade de chefe militar da legião tebana, São Maurício é representado normalmente a cavalo, com armadura militar, com pendão e escudo; por vezes, é representado de pé, como soldado de infantaria romano. Por isso, desde cedo foi considerado patrono dos cavaleiros cruzados, dos soldados de infantaria e, posteriormente, da Guarda Suíça do Vaticano.

Na Idade Média, este santo foi o protector de várias dinastias europeias, e, em particular, dos sacros imperadores romanos, muitos dos quais eram ungidos diante da sua imagem. A sua festa litúrgica celebra-se no dia 22 de Setembro, conforme referem o *Martirologio Romano* e a *Acta Sanctorum*.

5. Na Igreja de São Roque existem numerosas relíquias dos Mártires de Tebas, identificadas como sendo as de São Cândido, São Constâncio, São Fortunato, São Gereão de Colónia, São Magno, São Urso de Seleure e São Maurício, que se encontram inseridas em diversos bustos-relicário, em madeira policromada e dourada, datados do século XVI/XVII. No total, contam-se **sete bustos de madeira**.

Como é que as relíquias dos célebres mártires da Legião Tebana chegaram à Igreja de São Roque?

Além das relíquias de S. Gereão, de S. Cândido e de S. Maurício, que integravam a doação de D. João de Borja, em **1587**, outras terão vindo no ano de **1594**, as quais teriam viajado de Itália pela mão do delegado jesuíta à Congregação Geral de 1593, o Pe. João Correia, membro da Casa Professa de São Roque.

⁹ *Ibidem*.

Anos mais tarde, vários bustos-relicário dos mártires da Legião Tebana chegaram a S. Roque, pela mão de **Fernão de Mattos**, secretário de estado em Madrid, quando este acompanhou as ossadas de Dom João de Borja, enviadas de Madrid pela viúva, Dona Francisca de Aragão, conforme descreve o manuscrito coevo - *"As Reliquias seguintes entregou nesta Casa Fernão de Mattos quando trouxe a ella os Ossos de Dom Joam de Borja mādadas a ella por sua molher Dona Frãcisca de Aragam e tem todas a mesma aprovaçã do Sor Arcebispo de Lx^a Do. Miguel de Castro q. tem as mais que já estavam..."*, **de cerca de 1613**, no qual são elencados **4 bustos** (meios corpos) contendo cabeças dos Mártires Tebeus.

Assim, estas relíquias, embora não integrassem o "Recebimento" original de D. João de Borja, de 1587, foram contudo doadas pela sua viúva, D. Francisca de Aragão, que as enviou de Madrid por achar que seriam parte integrante da sua doação. Temos assim explicada a proveniência deste conjunto de relicários, a qual teve a sua ligação inicial à colecção de D. João de Borja.

O *"Inventário da Igreja e Sacristia de S. Roque, feito no ano de 1698"*, a fls 7, enumera explicitamente sete meios corpos em madeira estofada com relíquias dos Santos Martires Thebeus .

Em conclusão: temos assim traçada a origem e o percurso histórico deste conjunto singular de relíquias do século XVI/XVII. Trata-se muito provavelmente do maior grupo de relíquias dos mártires Tebanos reunido numa igreja portuguesa.

A admirável relíquia de S. Gregório Taumaturgo

Originalmente, a relíquia de S. Gregório Taumaturgo vinha dentro de um relicário em forma de busto, em prata, ricamente ornamentado, com gemas avaliadas em vários milhares de ducados que, entretanto, desapareceu, provavelmente ainda no séc. XVI.!

No Inventário de 1695, *Relíquias e pesas que estão no altar dos santos Marteres*, BNL, Cod. 7194, fl. 104 v., , mencionava-se já a existência de "1 *peanha coadrada de cobre dourado com 4 remates e 4 campainhas em baixo e 4 bolas redondas, que tem dentro um envoltório de relíquias em pó*", não sendo afirmado que no seu interior estivesse a cabeça de S. Gregório Taumaturgo.

O mais recente estudo sobre as relíquias do antigo santuário de São Roque, desenvolvido por Nuno Vassallo e Silva, em 1998, menciona a presença dessa espectacular cabeça-relicário em prata, ao descrever o solene *Recebimento* das relíquias na Igreja de São Roque, em 1588, desconhecendo-se, todavia, à data desta publicação a existência segura do crâneo de São Gregório Taumaturgo¹⁰.

Ao longo do século XX esta relíquia permaneceu mais ou menos ignorada em Portugal, sendo escassas as referências a ela.

Em Junho de 2007, despertou grande curiosidade por esta relíquia o investigador italiano, Domenico Condito, quando visitou o Museu de São Roque, no âmbito de uma pesquisa histórica sobre a biografia e o culto religioso de São Gregório, tendo na ocasião visitado também o Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a fim de consultar os *Breves e Autênticas das Relíquias*. O mesmo salientou a enorme importância desta relíquia, para os católicos italianos, em especial para os habitantes da Calábria, onde se veneram os restos mortais do santo, numa basílica dedicada ao seu nome, em Staletti, na província de Catanzaro, sul de Itália. O seu entusiasmo foi contagiante, convencendo-nos a examinar o relicário em cobre dourado, logo que fosse possível efectuar a sua abertura.

Assim, por ocasião da intervenção de restauro levada a cabo em Setembro de 2007, esta peça-relicário foi aberta, tendo ficado à vista o crânio de São Gregório, facto que causou enorme sensação entre os técnicos que realizaram este restauro, devido às expectativas geradas. Durante o processo de desmontagem, o cubo relicário de metal continha efectivamente a célebre relíquia, bem preservada. À primeira vista, foi possível observar um rótulo em papel colocado na superfície do crânio ostentando uma inscrição em Grego e Latim, designando o seguinte: "*Caluaria Gregorii Thaumaturgia. I. [id est] mirifici. Galienia temporib[us] ep[iscop]us Neoceaesarensis ob res. Miras in eccle[si]a gestas sic appellatus*" (Crânio de Gregório Taumaturgo, ou seja, prodigioso. No tempo de Galieno Bispo de Neocesareia, assim chamado pelas acções prodigiosas na igreja).

Verificou-se ainda a presença de fragmentos de tecido, de cor encarnada, muito antigos, na base do crânio, que provavelmente serviram de ornamento ao tempo em que a relíquia se encontrava exposta à veneração dos fiéis, bem como a existência de coberturas em couro na parte frontal, por forma a proteger os olhos, nariz e boca.

A Relíquia de Santa Brígida da Igreja de São Roque

1. A vinda desta relíquia para a Igreja de São Roque remonta ao século XVI.
2. A cabeça de Santa Brígida veio originalmente num busto-relicário em prata, como consta em inventários do séc. XVI e XVII da Igreja de São Roque que lhe fazem referência, hoje existentes no AHSCML. Este relicário desapareceu, muito provavelmente ainda no final do século XVI. Curiosamente, na lista constante na obra *Memoria do Descobrimento e*

¹⁰ VASSALLO E SILVA, Nuno, (Coord.), *Esplendor e Devoção: Os Relicários de S. Roque*. Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, vol. III, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa/Museu de São Roque, Lisboa, 1998, p. 14.

Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da Igreja de S. Roque, de 1843, os crâneos de Santa Brígida e Santa Aurélia aparecem juntos num só relicário, situado à época no interior do altar de Todos-os-Santos, assentes numa base simples em forma de dupla almofada¹¹. Vemos claramente que, no século XIX já tinha desaparecido o busto original.

Actualmente, esta relíquia pode ser contemplada num relicário, em madeira dourada e policromada e forrado de veludo, em formato de vitrina trapezoidal, constituída por concheados, flores e volutas, de clara influência *rococó*, provavelmente de finais do séc. XVIII. Deduzimos portanto que, na sequência do surpreendente "Descobrimento e Achado", ocorrido em 1843, a referida relíquia tenha sido transferida para o relicário em madeira que actualmente possui. É o relicário que se pode ver no *Altar das Santas Mártires*, no patamar inferior ao centro.

3. A presença desta relíquia em Lisboa tem causado ao longo dos tempos repetidos equívocos, uma vez que muitos a identificam com outra que é venerada na Igreja de S. João Baptista do Lumiar. Com efeito, narra uma tradição antiquíssima que, por vontade do rei D. Dinis, o crânio de Santa Brígida, trazido da Irlanda por três altos dignitários ou cavaleiros (conforme as versões), deveria ser depositado no Mosteiro de São Bernardo de Odivelas. Porém, na passagem do cortejo pelo sítio e igreja do Lumiar, em 1283, não conseguiram os emissários prosseguir até ao convento, pelo que ali entregaram a relíquia. Tendo falecido os três irlandeses nesse mesmo ano, ficaram ali sepultados, segundo se lê ainda hoje numa lápide, colocada do lado direito da frontaria do templo. O cofre-relicário, em prata e cristal, encontra-se actualmente num nicho da parede leste da referida igreja paroquial¹². Esta igreja tornou-se desde então lugar de peregrinações e celebrações religiosas.

¹¹ *Memoria do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da Igreja de S. Roque*, Lisboa, na Imprensa Nacional, 1843, p. 31.

¹² SOARES, Maria Micaela, "Santa Brígida", in *O Trabalho e as Tradições Religiosas no Distrito de Lisboa*, Exposição de Etnografia, Governo Civil de Lisboa, Lisboa, 1991, p. 364.

A denominada "Santa Brígida, Virgem", com efeito trata-se da santa padroeira da Irlanda, nascida em 452, que foi baptizada por um discípulo de S. Patrício, fundadora do Convento de Kildare, no condado de Leister, do qual foi Abadessa até à sua morte, em 524. Ela morreu em Kildare por volta de 525 e foi enterrada num túmulo na igreja da sua abadia. Por volta do ano 878, as relíquias de Santa Brígida foram levadas para Downpatrick, onde foram enterradas junto com as de São Patrício e São Columbano. As relíquias dos três santos irlandeses foram descobertas em 1185, e em 9 de Junho do ano seguinte foram transladadas solenemente para a Catedral de Downpatrick.

O seu crânio foi extraído e levado para a Igreja de São João Baptista de Lisboa, por três irlandeses nobres. O seu culto litúrgico era celebrado a 1 de Fevereiro¹³.

Quanto a "Santa Brígida, de Neustadt", esta constitui um enigma. Terá esta relíquia alguma relação com Brígida da Irlanda? Uma breve descrição eclesiástica relativa à diocese de Kildare (Irlanda) relata o seguinte: *as suas relíquias permaneceram em Downpatrick (Irlanda) até 1538, ano em que teriam sido profanadas. A cabeça de Brígida foi resgatada e levada para Neustadt, na Áustria, de onde partiu com destino a Lisboa em 1587, para a igreja da Companhia de Jesus.* A ser verdade a ida da relíquia de Santa Brígida para Neustadt, na Áustria, e, posteriormente, a sua oferta pelo Imperador Rudolfo a D. João de Borja que, por sua vez, a entregou à Igreja de São Roque em 1587, quando já existia em Lisboa, desde o reinado de D. Dinis, outra relíquia na Igreja do Lumiar, qual das duas existentes em Lisboa é a verdadeira? O bispo Lambert Grutter (1572–1582) foi o 13º da diocese de Neustadt que, a pedido do imperador, passou um certificado de aprovação pela entrega a D. João de Borja da relíquia identificada como sendo o crânio de Santa Brígida virgem. E isto é dito sem mais explicações! Presumimos, portanto, que se trata da relíquia certa.

¹³ REAU, Louis, *op. cit.*, p. 243.

Um artigo recente de Leo Madigan, "St. Brigid in Lisbon", publicado em *The Irish Monstrance*, dá uma explicação bastante plausível que poderá clarificar esta questão, a saber: *"a parte superior do seu crâneo conserva-se na Igreja de São Roque; porém, a parte inferior é a que se encontra na Igreja do Lumiar"*. A observação directa destas duas relíquias leva-nos, porém, a outra conclusão: as duas fazem parte do mesmo crâneo, sendo uma da parte frontal e outra da parte occipital.

A partir desta constatação podemos então reconstituir o provável percurso histórico da admirável cabeça de Santa Brígida da Irlanda, da seguinte maneira: para proteger as suas relíquias das sucessivas incursões de bárbaros normandos e vikings na Irlanda, no século XII a sua cabeça terá sido resgatada por nobres cruzados irlandeses que a levaram para Neustadt, na Áustria. [Neustadt era na época uma cidade de passagem na rota das Cruzadas, presumindo-se que foi trazida por cavaleiros que tinham por destino a Terra Santa]. Aqui teriam deixado parte do crâneo da santa, à guarda do castelo de Neustadt, levando consigo outra parte no seu percurso a caminho de Lisboa. Entretanto, teria chegado aos ouvidos do rei de Portugal D. Dinis a notícia da chegada a Lisboa de três nobres irlandeses que traziam consigo uma relíquia da padroeira da Irlanda. A pedido do rei ou a pedido deles, a mesma teria sido levada para o mosteiro de São Bernardo de Odivelas e entregue ao cuidado das religiosas. Porém, por milagre (ou por desvio), acabou por vir parar à igreja de S. João Baptista do Lumiar, construída na mesma época, onde permanece ainda hoje.

A outra parte, que ficara em Neustadt até ao século XVI, terá sido objecto de grande veneração na real capela do castelo do Arquiduque de Áustria até à sua entrega a D. João de Borja, por mando do Imperador Rudolfo II, em 1580. É esta relíquia, da mesma santa, que hoje se venera na Igreja de São Roque.

Arca-relicário de São João de Brito

Por último, há que salientar a esplendorosa *Arca-relicário de São João de Brito*, notável peça do ourives alemão Henrich Mannlich, dos finais do século XVII, encomendada pelo rei D. Pedro II, em memória do mártir jesuíta, São João de Brito, morto em Orbyur, no Maduré (Índia) em 1693. Não contendo relíquias, esta peça conservou-se no Palácio Real, acabando por ser doada aos Jesuítas da Casa Professa de S. Roque, por D. João V. Cedo foi utilizada pelos jesuítas como cofre eucarístico ou sacrário nas celebrações da Semana Santa.

Finalmente, uma palavra sobre **Inventariação** da colecção de relicários... Todas as relíquias existentes em São Roque estão acompanhadas da sua respectiva Ficha de Inventário, onde se registam todos os dados relativos à peça, como podemos apreciar no exemplar apresentado abaixo:

MUSEU DE SÃO ROQUE	
Objecto (Título da Peça)	<i>Braço-Relicário de São João Crisóstomo</i>
Material	<i>Cobre dourado, prata e pedras semipreciosas</i>
Dimensões	<i>Alt. 56 cm Larg 13,5 cm (Diâm. da base) Profundidade:</i>
Peso	
Inscrições	<i>"São JOAN CHRISANCONST" (São João Crisóstomo, Arcebispo de Constantinopla)</i>
Época	<i>Séc. XVI (final)</i>
Autor	<i>Desconhecido</i>
Nº de Inventário	<i>RL 0282</i>
Proveniência	<i>Igreja de S. Roque</i>
Estado de conservação	<i>Bom. Oxidações pontuais</i>
Colocação na Igreja /Museu	<i>Altar dos Santos Mártires</i>

Descrição da peça
<p>A peça assenta sobre uma base redonda em prata com decoração repuxada à base de círculos e godrões em dois corpos sobrepostos, respectivamente côncavo e convexo. O braço, em cobre dourado, apresenta-se decorado por meio de enrolamentos vegetais em baixo relevo, de características maneiristas. A relíquia encontra-se exposta dentro de um mostruário oval envidraçado, estrutura que se repete na parte inferior. Oito pedras engastadas de diferentes cores enfeitam a superfície do braço. Remata com uma mão aberta de notável perfeição.</p>
<p style="text-align: center;">Exposições</p> <p>– <i>"Relíquias e Relicários – Relics and Reliquaries"</i>, MNAA, Lisboa, 1996</p> <hr/> <p><i>"Esplendor e Devoção – Os Relicários de São Roque"</i>, Museu de São Roque, Lisboa,</p> <hr/> <p><i>"Objecte / Memória"</i>. Fórum Universal de las Culturas. Museu Frederic Marès, Barcelona, 2004.</p>
<p style="text-align: center;">Bibliografia</p>
<p><i>_Memoria do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Santuário da Igreja_ de São Roque</i> Imprensa Nacional, Lisboa, 1843.</p> <p>TELFER, <i>The Treasure of São Roque</i>, London Historical Society, 1932.</p> <p>PARRA MARTÍNEZ, J., <i>Esplendor e Devoção – Os Relicários de S. Roque</i>, Museu de_ São Roque, Lisboa 1998.</p> <p><i>_Memoria do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Santuário da Igreja_ de São Roque</i> Imprensa Nacional, Lisboa, 1843.</p> <p>TELFER, <i>The Treasure of São Roque</i>, London Historical Society, 1932.</p> <p>PARRA MARTÍNEZ, J., <i>Esplendor e Devoção – Os Relicários de S. Roque</i>, Museu de_ São Roque, Lisboa 1998.</p>

António Meira Marques Henriques
Técnico Superior do Museu de São Roque